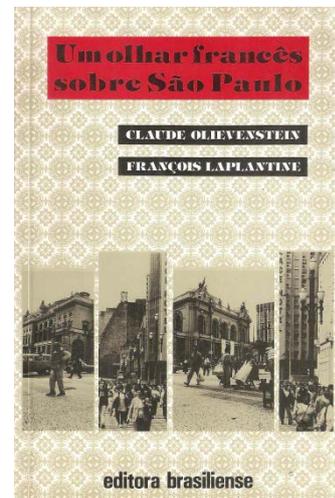


São Paulo: a metrópole curvilínea

Elaine Souza Resende Sklorz

**LAPLANTINE, François &
OLIEVENSTEIN, Claude (1993)
Um olhar francês sobre São Paulo.
São Paulo: Ed. Brasiliense. 96 p.**



Resumo: Esta resenha apresenta alguns aspectos relevantes da obra *Um olhar francês sobre São Paulo*. Os autores, François Laplantine e Claude Olievenstein, expõem em oito breves ensaios as contradições de uma cidade desmesurada e estimulante que não se acomoda nos estereótipos estrangeiros sobre o país. A obra, que mais se aproxima de uma crônica urbana, coloca em foco uma metrópole mestiça, combinação étnica ternária única no mundo: o caldo cultural advindo do índio, do negro e do europeu.

Palavras-chave: São Paulo; Sociedade brasileira; Mestiçagens culturais; Traduções; Sincretismo.

Abstract: This review presents some relevant aspects of the work *A French look about São Paulo*. The authors, François Laplantine and Claude Olievenstein, expose in eight short texts the contradictions of a stimulating and excessive city that does not fit in the foreign stereotypes about the country. The work, that is closer to an urban chronicle, brings into focus the mestizo metropolis, an unique ternary ethnic combination in the world: the cultural soup coming from Brazil's indigenous community, and the African and the European people.

Keywords: São Paulo, Brazilian society, Cultural miscegenation; Translations; Syncretism.

São Paulo e sua estética urbana da fealdade são os temas do primeiro e terceiro capítulos do livro *Um olhar francês sobre São Paulo*. Os autores, Laplantine e Olievenstein, falam de uma cidade cinza, disforme, desbotada, desorganizada, imprecisa, oblíqua,

curvilínea, ambivalente, contraditória, fervilhante, trepidante, febril e antropofágica. Seja outrora ou agora, em contínua transformação.

Cidade que é um pouco e um tudo de um ‘cadinho brasileiro’, da combinação do exótico com o cosmopolita, da metrópole com a colônia. Por todas as suas nervuras barrocas, a “verdadeira capital do Brasil” (pág. 41) vista por Laplantine, que é autor de sete das oito reflexões do livro, afronta e confunde, ainda que não pretenda, os olhares categorizadores e classificatórios do estrangeiro cartesiano carente de classificações diante da profusão e do excesso de objetos que aqui se entrecruzam.

A obra transita da estética urbana ao processo migratório de ocupação da cidade e de sua representação no contexto nacional; trata ainda de seus becos surpreendentes e violentos; das misérias do centro velho e da lascívia de seus inferninhos; da boemia e vida intelectual na madrugada; da herança da semana de arte moderna; das proliferadas crenças em deuses mistos; da arte mediúnica e do “psi” em São Paulo.

O fio condutor de todo o livro certamente está no recuo histórico que Laplantine faz às civilizações pretéritas formadas por mesclas étnicas, sociais e culturais que dão origem ao povo brasileiro, e particularmente, neste texto, ao paulistano: a “composição ternária” entre europeu, africano e indígena. Nesse recorte, sustenta que dessas interpenetrações, em vez de mistura, observa-se justaposição. E isso se dá da mesma forma na religião, com as sincréticas manifestações de toda a sorte, do candomblé à umbanda, dos rituais católicos aos evangélicos e kardecistas.

É de Laplantine a tentativa de circunscrever o livro como um “pacote de sensações subjetivas da cidade, ligadas ao fio do percurso nômade dos seus autores” e da permanência deles “nesta metrópole latino-americana” (pág.10). E é dessa sobreposição de coisas e culturas que trata Laplantine nos quatro primeiros ensaios do livro, quando volta e meia retoma a desmesura da cidade que não para, que diariamente implode suas memórias ao não cessar de construir. De seu trânsito caótico, impensado na Europa, que é de onde sempre partem as comparações do autor.

Segundo o autor, seja qual for o aspecto focalizado, São Paulo é uma cidade que beira a catástrofe (pág. 8). Mas ao contrário do que possa parecer, exerce sim algum grau de sedução sobre quem dela se aproxima. Talvez por sua “insolente superioridade sobre o

restante do país” ou por demarcar o lugar de cada um em sua hierarquia. A cidade feia também é orgulhosa (pág. 9). Antípoda das seduções mestiças de Salvador ou do Rio de Janeiro, São Paulo confunde o estrangeiro à cata dos estereótipos do país, como a exuberância do samba, da mulata, do índio, da floresta e de outros símbolos nacionais.

Nos capítulos IV e V, Laplantine fala de uma metrópole intelectual, produtiva, criadora. Pela ordem, começa apresentando o *Spazio Pirandello* nos baixos da rua Augusta, um misto de bar, restaurante e espaço de exposições artísticas (como também de egos), à época, frequentado por artistas, intelectuais, políticos da ‘esquerda festiva’. O autor apresenta o lugar como ambiente de efervescência e agitação cultural e política dos anos 80 em São Paulo. Para ele, o memorável Pirandello inexistente, mas pode ser sentido em toda parte. Ele perdura e apresenta um tempo de colheita de seus produtos.

Há um tom pirandelliano, uma espécie de maçonaria, que, sem exagerar sua importância, exerce um certo poder em São Paulo, fornecendo mais uma atmosfera afetiva do que uma ideologia a seus frequentadores; mais verdadeira que a palavra habitual, pura e simples, que não corresponde a nada tipicamente brasileiro (pág. 40).

Do Pirandello, Laplantine avança no capítulo V à São Paulo da arte moderna. Sustenta que o país não herdou uma verdadeira tradição pictórica e que as maiores expressões da cultura nacional, sob a ótica da visibilidade externa, são a música, a dança e o romance. Ainda assim reconhece que há em São Paulo, a cidade do pragmatismo econômico-comercial, uma intensa atividade plástica por mais que o mundo artístico desconheça a contribuição paulistana à pintura moderna. Por fim, traça um paralelismo entre as relações da cultura dessa metrópole com os Estados Unidos (para ele, cultura irmã) e da Europa (cultura mãe).

Sobre a semana de arte moderna, a qualifica como uma “contracomemoração (*sic*) provocadora e à margem das cerimônias oficiais do centenário de independência do país” (pág.42), que resultou no “primeiro ato de tomada de consciência coletiva” [...] de procura “lírica e crítica da identidade brasileira na reivindicação de seus componentes e de um em particular: o indígena” (idem). Essa revolta modernista representou uma ruptura tanto em relação ao estrangeiro numa época de largas ondas migratórias europeias quanto ao velho Brasil colonial. O movimento antropofágico demarcou essa volta contra-aculturativa às origens. A cultura europeia foi devorada para, tal qual os tupis-guaranis, alimentar o devorador das qualidades de suas vítimas, abasileirando-a.

Para Laplantine, a arte contemporânea propriamente brasileira em São Paulo tende a múltiplas formas, ao conflito, transpira rebelião (pág. 52) com diversificadas fontes de inspiração.

[...] para além daquilo que surge como uma tendência permanente do temperamento artístico brasileiro [...] o termo barroco é o que melhor convém [...] para caracterizar as artes plásticas contemporâneas de São Paulo (pág. 53).

No capítulo VI, o autor fala das religiões imigradas (Europa, Ásia, África, EUA), matizadas e formadas no país que permitem que se passe de uma a outra sem rupturas e contradições aparentes.

[...] eis que em São Paulo, como no Brasil, não se escolhe entre ordem e desordem, entre a doçura e a violência, entre a sabedoria e a loucura [...]. Na Europa, é mais frequentemente uma ou outra, ou uma contra a outra. Mas em São Paulo é uma e outra (pág. 55), ou melhor, uma por causa da outra (pág. 69).

O autor cartografa o número de templos e de práticas religiosas espalhadas pela metrópole. Narra ritos religiosos, como o da igreja messiânica universal, e o estado do transe ou mediúnico, recorrente, por exemplo, entre os kardecistas e o candomblé. Considera que a umbanda é a única religião inteiramente nacional, integrando os três componentes da sociedade: o negro, o indígena e o europeu. Compara o ritual das telenovelas às representações encenadas na umbanda. “Nos dois casos, o Brasil se coloca em representação de si mesmo, expressando suas contradições socioculturais” (pág. 62). E entende que os terreiros de candomblé “são pequenos pedaços de terra africana sobre o solo brasileiro” (pág. 63).

A arte mediúnica, seus expoentes, a velocidade de sua produção e suas apropriações ocupam o capítulo VII. Nele, Laplantine fala da característica pós-moderna de toda a produção espírita, uma vez que reúne, aglutina, enquanto a modernista separaria.

O último texto do livro trata da psicanálise em São Paulo e foi escrito pelo psiquiatra Olievenstein. Consiste numa reflexão sobre a área, sobre o profissional e sobre quem dela faz uso. Mais ainda, fala do contexto “ecumênico” em que a análise terapêutica aqui, extravagante, se dá. De toda a complexidade em que está imersa: família não triangular, calcada em modelos mistos de tratamento, sobre o territórios do não-dito, as curas sobre encomenda, curtas ou bajulatórias (sustentadas sob os recursos do cliente) e assim por diante.

Tal como Bastide (1951) que falava de uma cidade que se reconstrói sem cessar, cidade vertical que se acha em contradição com a mentalidade horizontal, *Um olhar sobre São Paulo* dirige a atenção dos brasileiros para o Brasil. Também, mantém uma abordagem sociológica que relaciona a análise dos materiais culturais à estrutura social. Bem escrita, fácil de ler, a obra de Laplantine e Olievenstein discute modelos vacilantes de uma cultura que teima em transpor as imitações, ainda que, de alguma forma, tenha partido delas.

Publicado no Brasil há quase duas décadas, *Um olhar francês sobre São Paulo* em muito reproduz realidades atuais com as quais os autores, em grande medida, ainda se deparariam: o trânsito caótico, os formigueiros de pessoas, a poluição sensível, a arquitetura inclassificável, a temperatura inclemente e imprevisível, a limitada e insuficiente área verde, a saga cotidiana dos deserdados brasileiros (e também estrangeiros), a ausência de forma da cidade que, sem fronteiras e limitações geográficas, se derrama sobre suas bordas e, como produto disso, as favelas elásticas em contínua expansão. Além da composição ternária brasileira, Laplantine ressalta a cultura do corpo, do imaginário e da mistura que dá forma ao que se chama de cultura popular brasileira. Para ele, a sociedade brasileira é hipercomplexa, constituída da superposição de temporalidades diferentes que faz coexistir conjuntos culturais de origens diversas. E é por conta de tudo isso que Laplantine adverte para o risco da imponderabilidade das afirmações a respeito do Brasil e de São Paulo. “[...] é bom tomar cuidado para não generalizar – é a maneira mais certa de se enganar toda vez que se fala ou se escreve sobre o Brasil” (pág. 63).

ELAINE SOUZA RESENDE SKLORZ é jornalista, doutoranda em Comunicação e Semiótica pelo programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP com bolsa de pesquisa do CNPq. Email: elaineresende@terra.com.br